Esta these está conforme aos Estatutos.

Rio de Janeiro 1.° de Novembro de 1847.

Dr. *João José de Carvalho.*

Indice.

Materias.	Autores.
Disertacion para obtener el grado de Doctor en Medicina de la Universidad de Buenos-Aires	Guillermo Rawson.
Algumas consideraçoes geraes acerca da vida, e algumas proposições em particular acerca da innervação	Dr. Lourenço d'Assis Pereira da Cunha.
A Phrenologia	Domingos Marinho de Azevedo Amno.
De Gastro-Hysterotomia	D. Franciscus Praxedes ab Andrade Pertence
Discriminação geral dos corpos organicos e inorganicos. . . .	Dr. Francisco Ferreira de Abreu.

ALGUNS GENEROS DE ASPHYXIA
DEBAIXO DO PONTO DE VISTA MEDICO-LEGAL

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DE ABUSOS.

AS ULCERAS CANCROIDES SERÃO UMA VARIEDADE DE SYPHILIS
OU
FORMAM UMA ESPECIE PARTICULAR DE MOLESTIA?

OURINAS LEITOSAS
SUAS CAUSAS, SUA CONFRONTAÇÃO COM A NEPHRITE ALBUMINOSA

THESE

APRESENTADA Á FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO E SUSTENTADA
EM 4 DE DEZEMBRO DE 1850

POR

Gervazio Pinto Candido Goes e Lara

FILHO LEGITIMO DO

Capitão Antonio Pinto de Lara e Goes

E

D. MAFALDA CANDIDA DE REZENDE ALVIM

Membro effectivo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional e do Gymnasio Brasileiro

NATURAL DE MINAS GERAES

DOUTOR EM MEDICINA PELA MESMA FACULDADE.

> Non, l'art de soulager l'infirme creature
> N'est pas un vil trafique fondé sûr l'imposture!
> Miracles du savoir si soudains et si beaux
> Qu'ils semblent dire aux morts:—sortez de vos tombeaux!
> *(Poeme; Barthelemy).*

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE FRANCISCO DE PAULA BRITO

Praça da Constituição n. 64

1850.

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO.

DIRECTOR

O Snr. Dr. José' Martins da Cruz Jobim.

LENTES PROPRIETARIOS.

Os Srs. Drs.

I—ANNO.	
Francisco de Paula Candido	Physica Medica.
Francisco Freire Allemão	Botanica Medica, e principios elementares de Zoologia.
II—ANNO.	
Joaquim Vicente Torres Homem	Chimica Medica, e principios elementares de Mineralogia.
José Mauricio Nunes Garcia	Anatomia geral e descriptiva.
III—ANNO.	
José Mauricio Nunes Garcia	Anatomia Geral e descriptiva.
Lourenço de Assis Pereira da Cunha	Physiologia.
IV—ANNO.	
Luiz Francisco Ferreira, *Examinador*	Pathologia externa.
Joaquim José da Silva	Pathologia interna.
João José de Carvalho	Pharmacia, Materia Medica, especialmente a Brasileira, Therap., e Arte de formular.
V—ANNO.	
Candido Borges Monteiro, *Examinador*	Operações, Anatomia topogr. e Apparelhos.
Francisco Julio Xavier, *Presidente*	Partos, Molestias das mulheres pejadas e paridas e dos meninos recem-nascidos.
VI—ANNO.	
Thomaz Gomes dos Santos	Hygiene, e historia da Medicina.
José Martins da Cruz Jobim	Medicina legal.
2.° ao 4.° Manoel Feliciano P. de Carv.°	Clinica externa, e Anat. pathol. respectiva.
5.° ao 6.° Manoel do Valladão Pimentel	Clinica interna, e Anat. pathol. respectiva.

LENTES SUBSTITUTOS.

Francisco Gabriel da Rocha Freire Antonio Maria de Miranda Castro	Secção de sciencias accessorias.
José Bento da Rosa Antonio Felix Martins, *Examinador*	Secção medica.
Domingos Marinho de Azevedo Americano Luiz da Cunha Feijó, *Examinador*	Secção cirurgica.

SECRETARIO

O Snr. Dr. Luiz Carlos da Fonceca.

A Faculdade não approva nem desapprova as opiniões emittidas nas Theses, que lhe são apresentadas.

ERRATAS.

Pela rapidez com que fomos obrigados a imprimir nossa These, diversos erros typographicos e orthographicos nos escaparam, dos quaes os mais sensiveis vão aqui emendados.

Desde a pagina 1.ª até a 8.ª inclusive, em vez de — asphixia e asphixiadores— leia-se — asphyxia — asphyxiadores.

Pagina 9, linhas 16—assim como as fossas nazaes— que assim como as fossas, &c.
» 11, » 25—se nelles— se nelle.
» 13, » 4—mucu—mucus.
» 14, » 33—mørrer?—morrer!
» 15, » 12—seus filhos— suas filhas.
Ibidem » 13—barbaros—barbaras.
Pag. 16, » 5—que em algumas creanças—que em algumas as creanças.
Ibidem » 30—homœpathica—homœopathica.
Pag. 21, » 3—syphiles— syphilis.
» 22, » 15— fongosidades— fungosidades.
» 25, » 14 — os mesmos erros da linha antecedente.
» 26, » 30 — tyranos — lyranos.

Á

MEU PAE, MINHA MÃE, MEUS IRMÃOS E IRMÃAS

Não é para vos offerecer meu pequeno trabalho que a vós me dirijo; pois, se alguma cousa vale, vosso é: mas para ainda confessar a amizade que vos devo, e pedir-vos que me abençoeis!

—

A MINHA MULHER E MINHA FILHA.

. . . .

—

A MEU SOGRO, SOGRA, CUNHADOS E CUNHADAS.

—

A MEU TIO E VERDADEIRO AMIGO

O ILLM. SNR. VIGARIO JOAQUIM CARLOS DE REZENDE ALVIM.

Meu amigo, que tenho eu para offerecer-vos em troca de tanta affeição que me haveis tido, e quando ainda tenho de pedir-vos a continuação de vossa amizade?

Á MEMORIA DE MINHA AVÓ

A ILLMA. SRA. D. FRANCISCA CANDIDA DE REZENDE.

A MEUS TIOS

EM PARTICULAR OS ILLMS. SNRS.

PADRE DAMAZO PINTO DE ALMEIDA LARA
MAJOR FRANCISCO DE ASSIS REZENDE
DOMINGOS THEODORO DE AZEVEDO E PAIVA
FRANCISCO EUGENIO DE AZEVEDO.

A MEUS PRIMOS

EM PARTICULAR OS ILLMS. SNRS.

AURELIANO IGNACIO BOTELHO

ANTONIO PEDRO MONTEIRO DE REZENDE.

Á MEMORIA SAUDOSA DE MEUS COLLEGAS

ANTONIO GONSALVES CHAVES

ANTONIO FELICIANO PINTO COELHO

A MEU INTIMO AMIGO E COLLEGA

DR. JOSÉ FRANCISCO NETTO.

A MEUS COLLEGAS E AMIGOS

DRS. DOMICIANO MATHEOS MONTEIRO DE CASTRO
ANTONIO OLINTHO PINTO COELHO
FRANCISCO DE ASSIS PAES LEME
ROMUALDO CEZAR MONTEIRO DE MIRANDA RIBEIRO
DOMINGOS DE CARVALHO TEIXEIRA PENNA
EDUARDO ERNESTO PEREIRA DA SILVA
MANOEL ESTEVES OTTONI
JOSÉ DO NASCIMENTO GARCIA DE MENDONÇA
JOSÉ FRANCISCO DIOGO.

A MEUS AMIGOS, OS ILLMS. SNRS.

DOMINGOS MARTINS GUERRA
PADRE JOSÉ JOAQUIM CORREIA
JOÃO JOSÉ DE ARAUJO E OLIVEIRA
MATHEOS DA SILVA CHAVES
CARLOS THOMAZ DE MAGALHÃES
PEDRO MARIA DA FONCECA FERREIRA
MANOEL FAUSTINO CORREIA BRANDÃO
JOSÉ CONSTANCIO DE OLIVEIRA
FRANCISCO GRAM MOGOL DE AZEREDO
FRANCISCO ANTONIO TEIXEIRA COELHO
ANTONIO ALVES DO BANHO JUNIOR
BALBINO CANDIDO DA CUNHA
HERCULANO, E JOAQUIM JOSÉ DE OLIVEIRA MAFRA
CASSIANO BERNARDO DE NORONHA.

Talvez alguem ache muitos nomes para minha these tão pequena; mas que importa ? Eu sinto um prazer especial em nomear aqui meus amigos no tempo mais solemne de minha carreira escolar; aceitae portanto esta prova de minha estima.

O Autor.

A MEU PRIMO

O ILLM. SNR. COMMENDADOR

JOSÉ ANTONIO DA SILVA PINTO

Minha estima e consideração.

Á MEMORIA VENERANDA

DO ILLM. SNR. DR. FRANCISCO JULIO XAVIER.

AOS ILLUSTRADOS LENTES DA FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

EM PARTICULAR

AOS ILLMS. SNRS. DRS.

ANTONIO FELIX MARTINS

LUIZ DA CUNHA FEIJO'

Honra ao verdadeiro merito.

O Autor.

AO

EXM. SNR. BISPO DE MARIANA

D. ANTONIO FERREIRA VIÇOSO.

AO MUITO ILLUSTRADO

SNR. CONEGO JOSÉ ANTONIO MARINHO

Homenagem que presto ao saber e á virtude

O Autor.

PROLOGO.

In magnis voluisse sat est.
(HERDER).

CHEGOU o tempo de escrevermos nossa these, e apresental-a ao juizo de nossos mestres; não é a flor desabrochada colhida por delicadas mãos, nem o fructo maduro que agrada ao paladar, e satisfaz o appetite: mas unicamente um botão arrancado da arvore.

Procuramos o mais que permittiam nossas actuaes circumstancias, cumprir nosso dever escolar, e tudo o que faltou não dependeu de nossa vontade, mas somente de nossa insufficiencia.

A sorte designou-nos os tres pontos seguintes: em sciencias accessorias—os diversos generos de asphixia,—em cirurgia—as ulceras cancroides serão uma variedade de syphilis ou formam uma especie particular da molestia?—em medicina—as ourinas leitozas, suas causas, sua confrontação com a nephrite albuminoza. Tratamos destas materias na ordem em que estão aqui escriptas. No primeiro ponto consideramos os generos de asphixia, que Orfila comprehende em seu tratado de medicina legal: no segundo expuzemos uma resenha das semelhanças que existem entre a ulcera cancroide, e a syphilitica: e no terceiro fizemos doze proposições sobre as ourinas leitozas e a molestia de Brigt; pois que em uma abreviada these não poderiamos abranger os numerosos e interessantes trabalhos que tem apparecido sobre estas alterações.

Talvez defeitos numerosos, e mesmo imperfeita comprehensão das materias tornem nosso trabalho pouco digno da luz, mas urgem a obrigação de um lado, e de outro o desejo de completar nossa carreira este anno, e de voltar ao seio de nossa familia.

Por tudo isto com toda a força da vontade estudamos, e escrevemos o melhor que pudemos; bem semelhante ao mineiro sem pratica que cheio de avidez desmorona montões de terra, vai catando somente as folhetas de ouro que mais faceis se lhe apresentam, e deixa ficar a maior e melhor porção do metal na areia, e no cascalho para fazer um dia a fortuna de explorador mais habil.

PRIMEIRO PONTO.

DIVERSOS GENEROS DE ASPHIXIA DEBAIXO DO PONTO DE VISTA MEDICO-LEGAL.

Obscuritate rerum verba sæpe obscurantur.
(Gervasius Tilberiensis).

PALAVRA asphixia, segundo a etimologia grega, só designa a ausencia de pulso devida á desordens do coração, mas, attendendo aos orgãos que primeiro soffrem em suas funcções, definiu-se:— asphixia a morte apparente que provêm da suspensão das funcções de hematoze pulmonar.

Muitos são os generos de asphixia, conforme as causas que dão lugar a ella, mas nós sómente estudaremos aqui o que em medicina legal comprehende este ponto. Em primeiro lugar fallaremos da estrangulação e suspensão; em segundo da submersão; em terceiro emfim diremos algumas palavras a respeito da asphixia dos recem-nascidos. Antes porém de entrarmos no estudo das questões medico-legaes exporemos em resumo o que se costuma a observar nos aphixiados em geral.

Quando se submette um animal á influencia de uma causa que obste a hematoze, nota-se nelle: a principio difficuldade de respirar que cresce de mais a mais; máu estar; inquietação; perturbação dos sentidos, e dos orgãos locomotores; anciedade; perda de conhecimento e prostração. Conhece-se apenas que a respiração se faz pelos pequenos movimentos do peito, e então mui remotamente se percebem as pulsações do coração, quando a tudo isto succede a ausencia completa de respiração e absoluta immobilidade. É agora

que se manifestam os phenomenos de plenitude capillar: a face, as mãos, os pés, e outros pontos do corpo tomam uma côr vermelha violácea, pára emfim a circulação, e completa-se a asphixia, que só se distingue da morte caracterizada pela ausencia de rigidez cadaverica e pela presença de algum calor. Mas estes phenomenos, que parecem succeder-se mais ou menos gradativamente, quando a causa asphixiadora é lenta, ou apparecem todos de um golpe, ou não se pode notar sua rapida successão, quando a causa é (permitta-se-nos a expressão) fulminante. Então ausenta-se totalmente a respiração; e a circulação não tarda a parar, succedendo-lhe o estudo de morte apparente.

Quando a asphixia termina-se pela morte, nota-se segundo Devergie o seguinte.

Habito externo.— Uma côr rosada viva, e algumas vezes violácea na face e outras partes do corpo, côr que se não deve confundir com a lividez cadaverica; pois qué esta ordinariamente se mostra nas partes do corpo que podem ser comprimidas ou contundidas nas diversas posições em que estiver collocado o cadaver; entretanto que aquella pode ser observada em pontos, que não foram tocados; e ainda mais, a cor acima apontada occupa os tecidos mucosos e a pelle, que sendo incisada deixa correr um liquido sanguinolento de um caracter repugnante. Os olhos apresentam-se salientes, fixos, e como que brilhantes; a boca ora no estado natural, ora exprimindo soffrimento; a rigidez cadaverica muito pronunciada, e durando muito tempo. Quando a causa obrou rapidamente nota-se, segundo Piorry, que os membros ficam inteiriçados, mas por pouco tempo, e o calor natural subsistindo por muitas horas em certos casos, desvanece-se logo em outros.

Apparelho digestivo.— A lingua em sua base é muito injectada, e ahi suas papillas muito desenvolvidas; a mucosa, principalmente a porção que reveste o estomago é muito congestionada; o figado muito tumefeito empurra o diaphragma para a cavidade thoraxica; o baço e os rins acham-se no mesmo estado que o figado.

Apparelho respiratorio.— A mucosa do laringe, da epiglote, e da trachea arteria é rubra, e tanto mais quanto se approxima das ultimas ramificações bronchicas; e na superficie della costuma-se a encontrar um liquido escumoso sanguinolento; os pulmões então mais pesados apresentam-se engorgitados; sua cor é violêta ou negra, sendo incisado vê-se seu parenchima enegrecido ou rubro, e delle correrem gottas de sangue que se augmentam com a compressão; o volume destes orgãos variam segundo o genero de

asphixia; se foi, por exemplo, um obstaculo mecanico á entrada do ar, elles não se deprimem quando se abre o thorax, e então tal é o seu tamanho que elles cobrem o pericardio, e chegando a romper o mediastino, seus bordos acavalgam-se um sobre o outro. Neste caso elles não crepitam, e não tem muito sangue em seu parenchima. Quando a asphixia tem lugar por falta de ar no meio ambiente os pulmões podem-se deprimir e não crepitar. Não ha neste caso engorgitamento sanguineo; porque a lentidão da causa permitte que estes orgãos se desembaracem do sangue, que vai quasi todo para o systema vascular.

Apparelho circulatorio.—As vezes o coração esquerdo contem sangue; suas dimensões variam segundo a promptidão da morte, ou a natureza da causa asphixiadora. Quando o doente succumbe rapidamente, o coração como que volta-se sobre si mesmo, algumas vezes suas paredes são espessas, mas seu volume apparente é pequeno em relação ás cavidades direitas; isto depende dos ultimos esforços da vida, que era então vigorosa. O coração assim é difficil de cortar-se, e resiste ao dedo que procura atravessal-o; porque a espessura de suas paredes é consideravel. Quando a asphixia foi lenta, o coração esquerdo é mais destendido, suas paredes são mais delgadas e mais molles, e deixam-se atravessar pelo dedo. O sangue contido nas cavidades esquerdas pode neste caso ser abundante, e então tambem as arterias o contem.

O sangue, que soffreu grande alteração, é fluido e negro, mas em contacto com o ar athmospherico torna-se vermelho, e pode as vezes ser coagulado, existindo sempre em maior quantidade nas veias do que nas arterias.

Apparelho nervoso.— As veias aqui são grossas e injectadas; a substancia cerebral parece pouco amollecida; as membranas serosas pouco injectadas, podendo variavelmente o contrario ter lugar: assim sendo a morte rapida succede o primeiro caso, e sendo demorada dá-se o segundo.

A ESTRANGULAÇÃO E A SUSPENSÃO.

Segundo os autores, consiste a estrangulação na compressão mais ou menos consideravel exercida no pescoço, seja qual for a posição do corpo; en-

tretanto que a suspensão, que é completa ou incompleta, tem lugar no primeiro caso quando o corpo está suspenso com um laço no pescoço sem que por nenhuma de suas partes toque o solo, e no segundo quando, estando suspenso, toca o solo por alguma de suas extremidades.

Se da estrangulação e da suspensão resulta a morte, esta costuma a ser devida a quatro causas, que são, conforme Devergie, congestão cerebral, asphixia, congestão e asphixia ao mesmo tempo, e lezão da medulla; mas segundo Orfila ás tres causas primeiramente citadas. Diz este ultimo autor, que, por identicas serem as causas destas duas especies de asphixia, é que as estuda reunidas, e nós por esta mesma razão o imitamos.

As questões que temos logo a resolver são as seguintes:

A estrangulação ou a suspensão teve lugar antes, ou depois da morte?

Provado que teve lugar durante a vida, foi o resultado de um homicidio ou de um suicidio?

Muitos autores querem, que com a presença de certos signaes se possa logo resolver o primeiro problema affirmativamente, e são estes signaes os seguintes: lividez e inchação da face; palpebras tumefeitas, meio fechadas; rubor, proeminencia e deslocamento dos olhos; lingua inchada, livida, dobrada, sahindo as vezes fora da boca e outras vezes fixada contra a arcada dentaria; um liquido escumoso na garganta; signal livido, rubro, ou negro echimosado da corda no pescoço; despedaçamento dos musculos e ligamentos, que se inserem no osso hyoide, e das tunicas arteriaes; ruptura do laringe e dos primeiros anneis da tracheia arteria; echimoses nos braços, e coxas; lividez e contracção dos dedos; traços de violencia exercida em algumas partes do corpo, como a impressão produzida por corda nos pulsos; lividez do tronco; sangue nos pulmões, no coração, e no cerebro.

A respeito destas provas, diz Orfila: *On conçoit avec peine qu'un objet d'une aussi haute importance êut été traité avec autant de légèreté par des ecrivains, dont les ouvrages ont dù servir de guide aux medicins.*

E segundo as numerosas experiencias deste sabio e de outros muitos não temos remedio senão ficar perplexos ainda, e como não duvidaremos, quando os medicos legalistas não estando de accordo, veem suas experiencias não provarem senão que esta questão é actualmente, senão irresoluvel, ao menos difficilima de resolver-se?

Vejamos o valor de cada um dos signaes, segundo o tratado de medicina legal que estudamos.

A impressão da corda, sua profundidade e situação variam muito e podem ser produzidas sobre cadaveres. A echimose rarissimas vezes é encontrada, pois que se tem com ella confundido o resultado da acção prolongada da corda. A luxação da primeira e da segunda vertebra cervical, ainda que citada por pessoas fidedignas, depois das numerosas experiencias do celebre professor de Paris, fica em duvida pois que apezar de todos os esforços, apezar da pouca força, da menor elasticidade dos tecidos mortos não a póde produzir. As fracturas do osso hyoide, de algumas cartilagens do pescoço, e do laringe; a ruptura das membranas arteriaes e de alguns musculos e ligamentos, tendo certamente algum valor quando se reunem a outros signaes, não existem sempre. O estado das mãos, e do corpo em geral, os traços de violencia, lesões notaveis mesmo, e os signaes de resistencia apenas provam que ha razão para suspeitar-se fundadamente que houve um assassinato, e nada mais. O derramamento de sangue nos pulmões e no cerebro pode ser devido á outra causa; e sendo mesmo uma boa probabilidade quando existe reunido a outras lezões, não é tão constante que possa ter alto valor. A erecção do penis tem sido vista em cadaveres que se enforcou para experiencias, e o esperma tendo sido encontrado na uretra e na roupa de cadaveres de individuos que falleceram de varias enfermidades, perde por tanto muito da importancia que se lhe dava.

Confessamos que não temos meios de resolver semelhante questão, e que apenas seremos levados a suspeitar, se outras provas, se outras circumstancias não vierem em nosso soccorro. E estas provas serão a posição do cadaver, a desordem dos objectos que o cercarem, o comprimento da corda e a altura do ponto de apoio della; e estas circumstancias serão o estado moral do individuo e seu comportamento social, reunidos a outros dados que mais compete a autoridade indagar.

Mas o Medico, quando não esteja bastante esclarecido a ponto de decidir a questão, póde ao menos ser levado a ter vehementissimos indicios de que o crime foi perpetrado durante a vida, se, tendo encontrado os principaes signaes, como sejam — echimozes dos tecidos do pescoço, traços de violencia, derramamento de sangue nos pulmões e no cerebro, luxação das vertebras cervicaes, fractura do osso hyoide, das vertebras e cartilagens, &c.— unir a tudo isto outras muitas circumstancias, que podem tambem existir. Servindo desta sorte muito á causa da justiça; pois a autoridade informada póde esclarecer melhor o facto, o que não succederia talvez sem o auxilio da medicina legal.

Provado que a estrangulação e a suspensão tiveram lugar durante a vida, foram o resultado de homicidio ou de suicidio?

É, senão irresoluvel em muitos casos, ao menos difficil de resolver-se este problema, salvo se uma circumstancia accessoria vier rasgar o véo do mysterio; e dissolver todas as duvidas.

Nós, porém, vemos que tudo que se costuma a notar no cadaver de um suicida póde ser tambem visto na victima do assassino. Comtudo, a posição em que fôr encontrado, sendo deserto ou não o lugar; a possibilidade ou a impossibilidade de ahi chegarem outras pessoas; certos signaes de violencia e de resistencia, ou a ausencia delles; a altura em que estiver fixada a corda; a facilidade ou difficuldade de o mesmo individuo attentar contra sua existencia; a impressão mais ou menos profunda do laço no pescoço; a luxação ou não luxação das articulações vertebraes; a ordem ou desordem dos vestidos; finalmente, o estado moral do individuo, o estado da saude delle são provas, que reunidas ao resultado das pesquizas policiaes, podem muitas vezes resolver a questão.

ASPHIXIA POR SUBMERSÃO.

Este genero de asphixia envolve tambem duas questões iguaes a aquellas que acabamos de estudar, e são: — O individuo que se achou morto em um liquido foi submergido antes ou depois da morte? Provado que foi antes da morte, é um caso de homicidio ou de suicidio?

Antes, porém, de entrarmos no estudo da primeira questão, devemos saber qual é a causa da morte dos afogados.

Esta não é devida nem á agua engolida na quantidade de uma ou duas libras; nem ao abaixamento da epiglote, que só teria lugar se a lingua fosse bastante deprimida, e se houvessem feixes musculares tão fortes que arrastassem a epiglote isoladamente, o que não succede; nem tambem á compressão dos pulmões, que nunca é tal que prohiba completamente a circulação destes orgãos; pois que na asphixia esta funcção continúa ainda a executar-se por algum tempo; nem tão pouco á introducção do liquido nas vias respiratorias, que se algum mal fizessem, era sómente (segundo Gar-

dame e Varnier) obstando a hematoze. Qual será pois a causa da morte neste caso? Segundo a opinião de Macquer, reforçada por Berger e aceita por Orfila, é a viciação do ar contido no peito dos afogados, que não sendo renovado perde os elementos necessarios para a arterialisação do sangue, pois vê-se, por experiencia, que em vez de vinte e uma partes de oxigeneo que devem existir em cem partes de ar atmospherico aqui ha sómente quatro ou cinco partes; e assim o sangue, não hematozado, em lugar de nutrir os orgãos a que é levado, envenena-os pelo contrario.

Deixando de parte as classificações de Desgranges e de Pouteau admittimos que antes da submersão o individuo podia ter tido uma sincope e mesmo uma asphyxia.

Muitos autores pensam que com certos signaes por elles admittidos poder-se-hia demonstrar que a immersão teve lugar durante a vida, e destes os mais importantes são os seguintes: — face inchada, livida, ou rubra; palpebras abertas, pupillas meio dilatadas; boca fechada; lingua dirigida para o bordo interno dos labios, assim como as fossas nasaes internamente estão cheias de um liquido escumoso; pallidez extrema da pelle e das mucosas exteriores; os dedos esfollados e contendo nas unhas lôdo e areia, significando que o individuo com desejos de salvar-se agarrou-se em tudo que encontrou; as veias da parte superior do cerebro engorgitadas, assim como os plexos choroides; os ventriculos contendo serosidade, e a massa cerebral não parecendo estar amollecida; escuma aquosa na trachea-arteria; as cavidades direitas do coração, as veias cavas, a arteria e a veia pulmonares contendo muito mais sangue, do que as cavidades esquerdas do coração e as arterias; o ventriculo direito é de uma côr rosea carregada, entretanto que o do lado esquerdo é rosado; o ventriculo e a auricula pulmonares se contrahem mais facilmente e por mais tempo, do que os da esquerda; o sangue é fluido durante muitas horas; o diaphragma é retirado para o abdomen, e o peito elevado; a côr das visceras abdominaes é mais carregada, do que quando o individuo succumbiu á outras causas; e a bexiga contem ourina, mas somente antes da rigidez cadaverica; emfim, o mais importante de todos os signaes, a presença de grande quantidade de liquido no estomago e nas vias respiratorias.

Apreciemos com Orfila cada um destes signaes. O estado da face, a pallidez da pelle, as alterações dos orgãos contidos no craneo nenhum valor podem ter por si sós porque são os mesmos nos cadaveres de sujeitos que morreram de varias enfermidades. A dilatação da pupilla somente tem algum

valor quando se observa logo depois da immersão, e antes de começar a putrefacção. As esfoladuras dos dedos e a areia que elles podem conter nas unhas podem ser a consequencia de choques contra pedras, etc. A escuma nas vias respiratorias pode tambem existir em outros casos, que não no afogado; pois que basta a presença de mucus para que com o ar, que entra e sahe, formem-se escumas; e além disto não é a grande quantidade de liquido que mais favorece a sua formação, e até pelo contrario lava a que já existir; e ainda é preciso que o individuo immergido tenha ao menos uma vez subido á superficie da agua para respirar; pois quando não voltam os afogados á superficie, segundo Piorry, nenhuma escuma se nota nos canaes aereos; e mesmo experiencias feitas com cadaveres de homens e outros animaes demostraram que apezar de todos os esforços empregados, um liquido não pode penetrar até as ultimas ramificações bronchicas. A côr do larynge e dos bronchios pouco ou nada provam. Os orgãos circulatorios, ainda que constantemente apresentem os caracteres que acima demos, podem apresental-os em muitos casos de morte subita. A cor das cavidades cardiacas apaga-se muito depressa; e a irritabilidade e contractibilidade do coração direito não é uma prova que muito valor tenha; porque ella só existe logo depois da morte, e nesse tempo cremos que o Medico deve-se occupar ainda com diligencias de salvar o asphyxiado. A fluidez do sangue pode não existir, e quando exista, pode ser o resultado da putrefacção adiantada, ou de alguma molestia, como o escorbuto, febres adynamicas, &c. Orfila diz que o diaphragma, em vez de ser empurrado para o abdomen, é pelo contrario destendido para a cavidade thoracica. A cor das visceras abdominães só prova, que houve asphyxia. O estado dos orgãos ourinarios pode valer mas somente antes da rigidez cadaverica. Temos emfim o mais importante dos signaes, a presença de agoa no estomago em grande quantidade, porém é preciso que ella não tenha sido injectada depois da morte, e que este liquido seja irmão daquelle, em que se houver encontrado o afogado.

Achando-se assim tão inodificado o valor destes signaes, como é que poderemos com segurança resolver a questão—se o individuo cahio vivo ou depois de morto no liquido em que foi encontrado? Podemos ter presumpções tão vehementes, e provas taes que nos levem a responder logo pela affirmativa? Se encontrarmos grande quantidade de liquido irmão daquelle em que estiver o cadaver, no estomago e nas vias aereas; se este liquido não houver sido injectado; se não houver decorrido muito tempo depois da submersão e se o afogado não permaneceu muito tempo n'agua; se existir a es-

cuma nos bronchios; e se a isto se reunirem os outros signaes; se provarmos pela ausencia dos dados proprios que o individuo não foi antes assassinado ou envenenado; com o soccorro de circumstancias que podem apparecer, e que devem ser aproveitadas, como sejam traços de violencia e de resistencia, a quantidade d'agoa onde se achou o afogado, a impossibilidade delle salvar-se, e depois o seu modo de viver, suas relações sociaes, etc., teremos as mais decididas razões para affirmarmos que a submersão teve lugar durante a vida. Porém quasi nunca se acharão reunidas estas provas e circumstancias, e o Medico discreto e prudente não deve exorbitar jámais de sua obrigação aqui; expondo com franqueza seus pensamentos e suas duvidas ficará bem com sua consciencia e quite com a sociedade.

Á autoridade compete o resto.

Provado que a submersão teve lugar durante a vida, foi ella o resultado de um homicidio ou de um suicidio?

Hoc opus, hic labor est. Como é que havemos decidir esta questão quando na maior parte dos casos tudo que existe no cadaver do assassinado encontra-se tambem no suicida?

A differença que fazem alguns autores de que no cadaver do suicida deve haver liquido nas vias respiratorias; porque elle respira; e no cadaver do assassinado não, porque é tomado por uma sincope, não deve ser admittido; pois que acreditamos que em ambos os casos podem fazer esforços para respirar.

Confessamos (diz Orfila) que em muitas circumstancias não temos meios de resolver este problema. Mas se o lugar, onde achou-se o cadaver, é deserto; se nelles não existem traços de uma luta ou resistencia; se não tem lesão alguma que indique violencia; se as mãos estão livres; se não traz um peso ligado a si; se os vestidos não estão em desordem; se o individuo não soffria de uma dessas enfermidades que trazem comsigo o tedio á vida; se não é victima de paixões violentas; se acharmos tudo isto reunido, poderemos ter não certeza, mas vehementissimas presumpções de que o crime é um suicidio. Mas repetiremos ainda que o Medico perito tanto nesta, como em outras questões medico-legaes, tendo em vista sua palavra e seu juramento, deve ser circumspecto e acautelado.

ASPHYXIA DOS RECEM-NASCIDOS.

Bem que pertença esta parte de medicina legal ao infanticidio—com tudo tendo intima relação com o nosso ponto diremos alguma cousa a respeito, não só porque cumprimos assim um dever, como porque esta questão interessa muito particularmente á nossa desgraçada sociedade.

Se no adulto, em que todas as condições mais favoraveis se encontram, onde os signaes mais notaveis sobre orgãos mais desenvolvidos nos podem mais claramente orientar; no adulto, onde tudo favorece, é tão difficil decidir se houve asphyxia, se existe um crime: quantas difficuldades achará o Medico para resolver as mesmas questões n'um recem-nascido, cujo organismo está em miniatura, cujas funcções ainda não se tem completamente executado?

Supponhamos um facto: a autoridade tendo recebido o cadaver de um recem-nascido com uma denuncia de infanticidio, tendo de formar o corpo de delicto, chama um Medico para como perito resolver, se na realidade existe um crime. Este, conhecida a idade e a viabilidade do feto, procura pela docimasia saber se o feto respirou; se existem todas as mudanças que a respiração determina nos orgãos. Decidido isto affirmativamente, e demonstrado pela ausencia de signaes proprios, que a morte não teve lugar por outras causas, a não ser a asphyxia passa elle a indagar se ella existe.

Podendo o infanticida usar de todos os meios asphyxiadores, e por exemplo: da compressão da trachea-arteria, da applicação da epiglote sobre a glote, e mais astutamente de cobertores que embaracem a respiração, e ainda simplesmente tapando a boca do feto, o perito não achando prova apparente, e duvidando se alguma lesão ou signal de violencia encontrado, não resultaria de algum acontecimento durante o parto, passa depois ao exame interno.

Aqui, vencendo todas as difficuldades, poderá elle encontrar os phenomenos que dependem de uma asphyxia: mas embora tudo o leve a crer que houve causa asphyxiadora, como dirá elle que houve um infanticidio por commissão, ou mesmo por ommissão?

A compressão do cordão umbilical, ainda que o feto houvesse respirado no ventre materno, interrompida depois esta respiração, não podia dar lugar á morte?

Uma compressão involuntaria da trachea-arteria, uma porção de mucu obstruindo as vias respiratorias não teriam o mesmo resultado? Os mesmos inconvenientes, os mesmos obices, que nos embaraçam para demonstrar a existencia de um crime na asphyxia do adulto, não se apresentam augmentados aqui?

Infelizmente a medicina legal não pode resolver bem estas questões, e o perito consciencioso dirá somente em resposta ao problema dado, que ha signaes de asphyxia, e que esta criminosa, ou não, podia dar em resultado a morte! As circumstancias que acompanharem o facto, e as provas, que a autoridade obtiver por meios policiaes, poderão conseguir muito, e alcançar-se-ha então a justa punição do mais indigno, do mais horrivel dos crimes!

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES QUE TEM RELAÇÃO COM ESTE PONTO.

> A sciencia é a verdade, e esta não é lisongeira.
> A moralidade corrompida, o interesse mal entendido, e as leis incompletas e mal observadas, são causas de muitos males.

Não satisfizemos ainda nosso fim, e attendendo á nossa epigrafe não dissemos ao que vinhamos. Sim, não é mais a obrigação que nos urge, não é mais o dever escolar que cumprimos: é sómente um grito de indignação e de pena, que parte de nosso coração; é a humanidade quem brada agora; é o acordar da memoria sobre um facto que impressionou-nos muito! Não ridicularizeis nosso sentimento, ouvi-nos primeiro.

Quasi todos os dias no hospital da Misericordia, em o lugar onde se de-

positam cadaveres, offerecem-se á vista dos que lá vão seis e mais pequenos embrulhos, e o curioso, examinando-os, reconhecerá horrorisado que são recem-nascidos, que se encontraram mortos, ou quasi mortos, na roda dos expostos, ou trazidos de fóra: ha de então sentir o mesmo que nós sentimos; ha de perguntar, como neste paiz de mil recursos, de fartura enorme, póde tal facto succeder tão repetido; como em uma sociedade que, enchendo a boca, se diz civilisada, não se busca estancar a fonte deste mal, e mesmo punir algum crime, que será muita vez a causa delle?

Se vós não acreditaes, ide ás quatro ou cinco horas da tarde a esse nojento deposito, e depois de haverdes contemplado esses cadaveres amontoados aos dous e aos tres n'um velho caixão, homens e mulheres descompostos, e algumas vezes lubricamente collocados, quando, cheios de dòr e dos tristes pensamentos que sóe gerar este espectaculo, quizerdes retirar-vos, demorai-vos um pouco, e fixai vossos olhos nesses fardinhos azues, de que vos fallamos, descobri-os: são cadaveres de recem-nascidos de todos os sexos, de todas as idades, desde seis até nove mezes, a maior parte bem desenvolvidos, e parecendo completamente viaveis; então não precisa que sejaes lá muito sensiveis para exclamardes comnosco:

> Oh mulher, tu nada vales,
> Quando não sabes ser mãe,
> Como harpa que não tem cordas,
> Como céo que astros não tem!

Então vós perguntareis tambem como isto passa desapercebidamente, como se não procura indagar a origem destas mortes talvez, talvez bem criminosas? Então (quem sabe?) deixando o Limbo, os manes destes infelizes innocentes viriam a ter comnosco, e póde ser que um delles vos conduzisse pela mão até um dos bairros desta cidade, e lá vos mostrasse uma desgraçada mulher de côr preta, desesperada, despedaçando os vestidos, arrancando-se os cabellos, com os seios inflammados, o olhar enfurecido, e bradando: — meu filho, tirou-me meu filho, para engeital-o, matal-o de fome, para vender meu leite (1)! Ainda bem este vos não teria deixado, que outro vos viria mostrar a mãe, o pai perverso que o assassinaram, outro ainda viria accusar a estupida comadre que o matou no parto, ou que o deixou morrer?

(1) Pessoa fidedigna nos referio que foi testemunha de um semelhante facto.

Foi este sentimento que gerou em nós as idéas que vamos entregar a quem mais alto, a quem mais sabiamente póde elevar suas vozes.

No nosso paiz a moralidade corrompe-se de mais a mais pela falta de attenção dos paes e mestres na educação dos meninos, nos quaes, em vez de virtudes nobres, procura-se com fataes exemplos innocular as mais funestas paixões: — a colera e a soberba, a luxuria e a gula, são os primeiros habitadores de seus tenros e já pervertidos corações! E sem religião, sem instrucção, são estes os mancebos que tem de herdar grandes fortunas; e sem religião, sem fé, são estas as donzellas que tem de tornar-se mães de familias!

E, o que cem vezes se tem dito e escripto, o barbaro costume que tem certos pais de castigar escravos na vista de seus tenros filhos, a indignidade de certas mães, que armadas de um chicote ensinam seus filhos a serem barbaros e brutaes: esses exemplos frequentes de dureza e crueldade fazem de um moço, que podia ser bom, um perverso! — de uma menina, que podia ser sensivel e virtuosa, uma furia!

E o estado da instrucção religiosa entre nós qual é?

Basta em resposta dizermos, que os nossos moços da moda, pensam que dão uma prova de civilisação desprezando o culto sagrado: e que n'uma calça bem feita, n'um formidavel charuto consistem os ornamentos da mocidade! Ah! e é-nos bem doloroso o confessal-o, elles só tem um pensamento um sentimento, uma esperança, e mesmo uma religião,—o dinheiro (1)! Depois de haverem fumado seu longo cigarro, deitam-se para sonhar, não com a gloria, não com este sentimento generoso, que é o movel dos jovens corações, mas ainda com o dinheiro, que (diz-lhes sua fada favorita) hade trazer-lhes uma noiva embora feia! E assim vão passando a melhor estação da vida sem flores, que lhe deem fructos no outono della! E assim vão sopitando alguns sentimentos nobres que seus corações teimosos querem ainda conservar!

Um homem destes encontrando uma amante tão estupida, tão mal educada como elle, iniciada em todos os vicios, sem coração, sem consciencia, não será capaz de fazer quanto quizer, para livrar-se de um filho, que o viria incommodar nascendo?

E qual será o recurso de que lançará mão a moça estupida e perversa,

(1) Aquelles que aqui não virem seu retrato, me louvem; só fallo desses que não se deixam guiar senão por loucuras, mas tenho o prazer de declarar que ha entre nós numerosos moços bem moralisados, e de muitas esperanças.

quando quizer occultar a seus formidaveis pais o fructo de seus nojentos passatempos? É o aborto, é o infanticidio, que ficarão impunes!! E qual a causa disto? A falta de religião, a moralidade corrompida!

Ide ahi por essas fazendas, e cheios de dôr sabereis, que numerosos abortos dão-se cada dia, que em algumas creanças apenas tocam certa idade, vão succumbindo uma a uma, sem que se conheça a causa apparente de tão repetidos obitos! Sentimos muito não ter em nosso abono, senão factos, que são de todos, mas que todos não querem ver. Parece (consenti-nos esta verdade, ou mesmo superstição, que importa)? parece que um castigo segue de perto nossos erros, e que em troca de um bem, que roubamos, recebemos males sem conta; e que para nos engorgitarmos com o misero prazer da ociosidade e da preguiça, perdemos os encantos da innocencia, e da virtude! E a desgraça e os vicios são contagiosos, elles sobem da immunda senzalla, até o luxurioso sobrado; como o vapor mefitico dos charcos, que se levantando pouco a pouco, infecciona os prados, murcha as flores, envenena os fructos!

Ah! faça Deos, que alguns pensamentos nobres, que vão apparecendo entre nós, não succumbam, como todas as nossas bellas creações que nascem para morrer devoradas, como os filhos de Saturno! E quem nos faz tanto mal? É o interesse infame e mal entendido!

Vós percebeis bem de que vos fallamos, mas não é este somente o cancro do organismo social; pois que outros temos filhos da desmoralisação, e alimentados por leis incompletas, ou não observadas.

Entre nós o homem mais estupido, incapaz de qualquer emprego, inhabil para tudo, depois de haver consumido sua mocidade na preguiça e no deboche, quando vê que vai morrer de fome, desesperado, pensa (o que talvez nunca fizera em sua vida) pensa, e, como o celebre philosopho achando o seu principio decantado, deixa exprimir-se na expansão de seu rosto um pensamento:—vou comprar o formulario de Chernoviz (1), ou uma obra homœpatica, e faço-me Medico!—E eil-o impavido praticando a medicina, annunciando curas, ganhando dinheiro, e escarnecendo dos Medicos, e das autoridades!

Desembarca em nossas praias hospitaleiras um estranho aventureiro, sonda logo o caracter do povo, e o espirito das autoridades, e entre todas as

(1) Esta obra do Sr. Dr. Chernoviz, é o livro que mais vezes temos visto nas mãos de alguns curandeiros que conhecemos.

profissões, entre as maquinas maravilhosas e os privilegios exclusivos elle avista em seus arrojados calculos uma estrella brilhante:—é a medicina, que elle nunca estudou, mas que pode incolume exercer na terra do oiro! — e sem dar satisfações a ninguem, eil-o medico!

E os grandes de nossa patria, que amam tudo que vem de fora, são os primeiros a acolher, e elogiar o doutor improvisado! Esses mesmos, que desapreciam o Medico, ainda que illustrado, de seu paiz, gostam de ser enganados, mas hão de ser por um estrangeiro! Sem duvida alguma entre as causas a que succubem numerosas victimas destes senhores da sciencia sem privilegio e da celebre caridade sem limites, não são as menos frequentes o aborto e o infanticidio.

A mulher imbecil e idiota, que (excepto no rosto) é tão-bem descripta por Virgilio na figura de uma harpia, a mulher, que tem perdido alguns ornamentos corpóreos, que no vicio a sustentavam, reconhecendo-se sem aptidão para o mais insignificante emprego, declara-se parteira!

E quem as não tem visto formigarem por toda a parte, e principalmente nas roças debaixo do nome de comadres?

Quem as não tem visto junto do leito da pobre parturiente dando-lhe os mais horriveis tratos, empregando quaes verdadeiras feiticeiras, as mais nefandas praticas e sacrilegios? Ah! meu Deos, e esses maridos tão amantes e tão zelosos de conservar os encantos de sua terna metade, que por luxo entregam seus filhos a uma ama muitas vezes cuberta das mais hediondas enfermidades, como é que agora, na maior borrasca do mar de amores, não temem confiar o seu thesouro a uma comadre estupida, que não sabendo previnir deixa que o perinneo se rasgue de banda a banda?! E quantas vezes o rompimento da bexiga, o affrouxamento do musculo que constringe o collo della não podem tornar involuntaria a emissão da ourina? Quantas vezes a nojenta comadre com suas unci-pontudas mãos não provoca metrites que quando não sejam fataes, deixam ao menos á misera parturiente molestias tristes para toda a vida? Quantos meninos não são victimas de luxações, e de outras lesões por causa de violencia? quantas asphyxias, quantos infanticidios? E porque tudo isto succede? Porque nossas leis são incompletas e estas ainda mal observadas!

Bem sabemos que nosso devaneio é grande, que nossa sensibilidade exagerada nos arrebata, e que não é só no nosso paiz que taes abusos, que taes crimes se commettem: e mais ainda que a civilisação mesma traz comsigo o germen de algumas immoralidades. Sabemos, por exemplo, que essa so-

berba Albion, que tão sabia e opulenta se ostenta é a patria dos horrores mais indignos; que ali debaixo dos mesmos palacios, onde mora o luxo e a abundancia, onde a illustração brilha (1), existem os fócos da mais immunda e miseravel devassidão. Sabemos que a França que se gaba da mais alta illustração, presencia todos os dias mil abusos e mil crimes, quaes de lá mesmo nos attestam o romance—a legislação—e os tribunaes. Mas em Londres tem-se visto cem vezes o archote da policia, penetrando as trevas da miseria, descobrir o crime e os criminosos, que são com certeza punidos! Mas em França mais de uma vez as prisões e o carrasco tem recompensado a perversidade! E entre nós? A cadeia é ordinariamente para o pobre—a forca quasi sempre para o miseravel....

As nossas leis carecem de desenvolvimento, e quaesquer que ellas sejam, é preciso que não continuem lettra morta. Nós nada sabemos para dizer quaes as reformas necessarias, mas compungidos pelo que observamos, e indignados pelo atrevimento de certos aventureiros, ousamos levantar uma supplica, para que não se especule com a vida dos homens e não se insulte o senso commum desta nação!

Acreditamos que uma escola de partos em cada cidade capital (2), onde estudassem mulheres, seria de grande utilidade; primeiramente: desappareceria esse receio, que o mal entendido pudor gera, de chamar-se parteiro habilitado; segundo: tornar-se-hia mais facil, e mais barato este soccorro; terceiro emfim: era uma profissão honrosa mais para muitas de nossas patricias. Talvez assim muitas vidas se poupassem!

Tambem cremos que seria bem util a creação de commissões medico-legaes encarregadas de examinar os cadaveres, e indagar se por ventura algum crime foi a causa da morte (3).

Entregamos nosso pensamento a quem mais alto, e mais sabia e energicamente pode levantar suas vozes a favor da civilisação e da moralidade, que soffrem muito. E aqui talvez alguem nos pergunte qual foi nosso fim, escrevendo as considerações que fizemos; ao que responderemos: que tendo

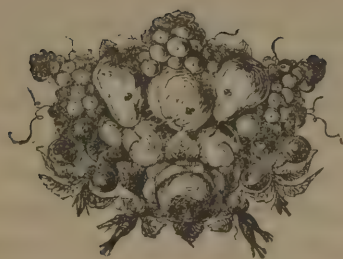
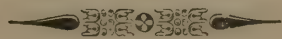
(1) Leia-se a viagem de Mme. Flora Tristan a Londres.

(2) Ouvimos dizer que em algumas partes ha leis criando estas escolas, mas porque não são postas em execução?

(3) Não podemos censurar, nem o queremos, aos Medicos; porque na actualidade nada podem fazer, e além disto só fallamos de abusos.

a medicina de alliviar o corpo, como a religião ao espirito, que tendo a moral grande influencia nas molestias que acommettem o organismo, deve o medico, como o sacerdote, procurar conhecer os males, remedial-os se puder, e se não, mostral-os, para que quem mais força tiver, os destrúa, se for possivel. É o que nós procuramos fazer; e quando nada tenhamos conseguido, despertaremos ao menos a attenção de quem mais apto desenvolva o nosso pensamento.

E além disto, a pequena pedrinha lançada no alicerce tambem concorre para formar o soberbo edificio; e

> Porque recebe immenso o mar enorme
> Do Amazonas as agoas soberbosas,
> Não recusa jamais a lympha humilde
> Que um lacrimal nas margens lhe derrama!

SEGUNDO PONTO.

AS ULCERAS CONCROIDES

SERÃO UMA VARIEDADE DE SYPHILES, OU FORMÃO UMA ESPECIE PARTICULAR DE MOLESTIA?

Invisible et prezent comme l'air qu'on respire,
Ce grand empoisoneur tient tout sous son empire:
Nulle digne que puisse arreter ce torrant,
Il saisit a la fois le docte et l'ignorant,
Le riche en son hotel, le pauvre en sa cabane,
L'impie et l'homme saint qu'abrite la soutane,
Le vieillard, l'enfant même atteint souvent d'un mal
Dont il n'est pas lavé par le flot baptismal;
Et peut étre aujourd'hui parmi l'espéce humaine
Il n'est pas un seul homme, et dans l'homme une vaíne,
Ou quoique bien souvent encore non revelé
Le virus destructeur ne soit inoculé.

(POEM. BARTHELEMY).

ARA respondermos a esta importantissima questão, preciso fòra que tivessemos muita intelligencia, muitos conhecimentos, muito estudo e muito tempo para pensarmos; e infelizmente estamos fora de todas estas condições. Mas temos obrigação de responder, e para isso, diremos o que pensamos estudando o cancro, a syphilis, e as ulceras que destes terriveis males resultam:—o primeiro é bem comparado ao monstro de Cadmo, podendo reproduzir-se em todos os orgãos, tendo uma causa desconhecida, um modo de formação duvidoso; o segundo é um caprichoso Protheu, tomando mil formas, como um phantasma, que a Providencia manda talvez para punição de vicios que tanto tem feito degenerar a especie humana; ambos terminando-se ordinariamente nas mais horriveis e nojentas ulceras.

O CANCRO.

Conhecido desde a mais remota antiguidade o cancro não tem uma causa sabida, além dessa predisposição organica a que se tem dado o nome de diathese, além de uma causa efficiente que pode mais promptamente fazel-o apparecer com seu medonho cortejo; não tem uma idade determinada para sua apparição, ainda que mais frequente esta seja da adulta para a idade avançada; não escolhe de preferencia um sexo ao outro, apezar do que pensavam alguns autores; seu modo de desenvolvimento, sua formação é ainda hypothetica. Não sendo em principio senão um tumor de forma, de consistencia variavel, constituido pelas materias lardacea, scirrosa, encephaloide, melanica, colloide, e fongosa, ou por uma mistura de algumas ou de todas ellas, depois de haver passado pelo segundo periodo carecterisado por dores lancinantes, &c., termina-se pelo amollecimento e ulceração. É da ulcera cancroide que devemos nos occupar (1). Ella de ordinario com seus bordos proeminentes, ora voltados para fora, ora dobrados para dentro, apresentando em seu centro, feias e elevadas fongosidades ao lado de escavações profundas banhadas por um ichor nojento, carecterisada pelas dores lancinantes, emquanto a materia cancroide vai convertendo em sua propria substancia os tecidos circumvisinhos, estende-se de mais a mais, até que quasi sempre o doente, victima dos mais horrorosos soffrimentos, succumbe apezar de todos os tratamentos. Os meios internos quasi nada aproveitam, a não ser paliativamente em alguns sujeitos privilegiados; os externos pouco valem, salva a cauterisação, e outros meios verdadeiramente cirurgicos, como a compressão e ablação, que sendo um sublime recurso, são comtudo muitas vezes impotentes.

(1) Os bordos do cancro ulcerado são duros, despedaçados, desiguaes, e voltados de differentes maneiras, ora para dentro, ora para fora, toda a superficie da ulcera é ordinariamente desigual. Em alguns cantos ha saliencias consideraveis, emquanto que em outros ha profundas escavações. A materia do corrimento é as mais das vezes um ichor fetido e de tal natureza acre que escoria e destroe mesmo as partes visinhas.

Nos periodos avançados da molestia corre as vezes uma grande quantidade de sangue dos vasos ulcerados; as dores lancinantes e o calor abrasador, que já eram fortissimas antes da ulceração, tornam-se agora intoleraveis.

(S. Cooper, Dict. de Cirurg.).

Acredita-se felizmente que esta horrivel enfermidade, tantas vezes herança fatal dos pais para os filhos, não é contagiosa.

A SYPHILIS.

A syphilis, que muitos autores pensam não haver sido conhecida na Europa, senão quando Colombo voltou da descoberta da America, foi, segundo elles mesmos, desenvolvida, e só então conhecida no exercito francez que cercava Napoles no seculo XV. Sempre nos affligiamos, quando ouviamos dizer que em vez de gallico, napolitano, hespanhol, este mal devia ser chamado americano; porque da America tinha vindo; e então pensavamos que uma velha Messalina devia com mais razão ter no gasto e corrupto corpo os traços dos vicios e dos crimes, do que a virgem robusta e simples, que os desconhece ainda (1), e é o que parecem demonstrar a vigorosa saude, e a vida patriarchal das nações americanas! E porque não é da Europa a syphilis? Por haver sido desconhecida, e ter chamado a attenção dos medicos sómente na gloriosa época de Colombo, segue-se que a America é o berço della? Assim buscavamos uma prova que satisfizesse nosso espirito, quando em o artigo syphilis do diccionario dos diccionarios de medicina achamos a opinião de B. Bell reforçada pelos autores desta obra :—que a syphilis era conhecida muito e muito antes de sonhar-se com a America, testemunhas os Gregos, os Romanos, e o antigo legislador hebreu, que dizia no Levitico, terceiro livro do Pantateuco :

> *Vir qui patitur fluxum seminis immundus erit,*
>
> . . . .
>
> *Docebis enim filios Israel ut caveant immunditionem, et non moriantur in sordibus suis.*

E então qual é a patria da syphilis?

> *India me novit, jocunda Neapolis ornat,*
> *Bœtica concelebrat, Gallia mundus alit;*
> *Vos, Itali, Hispani, vos orbis alumni,*
> *Deprecor ergo, mihi, dicite, quœ patria!*

A syphilis tem uma causa conhecida, accommette a todas as idades, a todos os sexos, a todos os temperamentos, e ainda que certos orgãos sejam mais

(1) E, além disto, quem é que já disse que a America atravessasse o mar nas costas de celestes touros!

commummente a séde dos symptomas primitivos, ella desenvolve-se em toda a parte do organismo, onde uma vez estabelecida ostenta por todos os meios sua influencia maligna! É por seus symptomas secundarios e terciarios que ella mostra suas variadas metamorphoses—furunculas, mórmos, alopecias, condilomas, necroses, e tantas outras enfermidades que seria vasto numerar (1).

Vem emfim as ulceras devidas á syphilis constitucional que tantas vezes tomam o caracter cancroso esponjoso, que destroem os tecidos roendo-os pouco a pouco, que são acompanhadas das mais horriveis dôres, e que tambem resistindo a toda a sorte de tratamentos, terminam-se como sua irmã mais velha (a ulcera cancroide) pela febre, consumpção, marasma e morte. E então, como a gramma de nossas hortas, que quando se remeche o terreno sem destruir-lhe a sementeira, mais tenaz se reproduz e mais viçosa se estende, o cancro e a syphilis abalados por certos tratamentos, sem que sua causa se aniquille, se enraizam mais facil, mais profundamente no organismo do enfermo.

A ulcera cancroide e a ulcera syphilitica tendo tantos pontos de contacto, tantas parecenças mesmo nas formas, tantas semelhanças relativas ao caracter e á fatalidade, porque não serão irmãs?

Sim, ellas tem muitas vezes a mesma séde, a mesma duração, a mesma

(1) A balanite ulcerosa com os caracteres do cancro venereo, cujo pús, segundo Ricord, é capaz de inocular a syphilis, tem alguma semelhança com o cancro ulcerado; mas vejamos o que diz o artigo seguinte: nesta variedade (cancro ulcerado) a base da ulcera se espessa e se endurece, como observaram I. de Vigo e Hunter; a inflammação que sobrevem é ordinariamente circumscripta, mas ás vezes toma a forma eliptica, e similhando a uma crista: em todos os casos esta base é mais extensa do que a ulceração que supporta. Quando esta ulcera nasce no tecido cellular, n'um vaso lymphatico, ou n'um ganglio, forma-se em torno do ponto infectado uma superficie de cancro e uma cóca endurecida, ou especie de kisto calloso, e onde sobrevem ulcerações consecutivas, em cima das endurações, que podem ficar depois da cicatrisação do primeiro cancro. (Dict. des diction. de med.).

Os tecidos que invade esta especie de apoplexia plastica são logo destruidos, e a circulação fica embaraçada ou suspensa ahi pela obliteração dos vasos. (Ricord, gaz. des hop.).

A forma destas ulceras, (cancro phagedenico) pode ser arredondada, mas na maior parte dos casos ellas vão destruindo os tecidos de uma maneira irregular e tornam-se serpejantes. O fundo destas ulceras é desigual, e coberto de uma camada cinzenta, que se pode tomar por uma escara gangrenosa. Os bordos são irregulares. Em todos, ou quasi todos os casos, estes cancros são acompanhados de vivissimas dôres. (Ricord, notes aux œuvres de Hunter).

Ha uma variedade de ulceras que sem previa inflammação das amygdalas, as ouca, e apresenta um fundo amarello, e os rebordos de um rubro carregado, e depois de as haver completamente ruido, ataca os orgãos visinhos. (Beaumés).

tenacidade de resistencia ao tratamento e a mesma terminação funesta, dadas certas modificações. Ellas viajam por todos os orgãos; qualquer posição lhes serve para ponto de apoio em seus fataes ataques; ellas resistem indebellaveis ás forças da medicina, e quando batidas em um ponto do organismo, cem vezes se as tem visto desapparecerem, para mostrarem-se mais fortes em outros pontos mais importantes!

A syphilis, logo depois de inoculada, em seus symptomas primitivos, no cancro venereo por exemplo, não tem já alguma cousa de semelhante com a ulcera cancroide? Não tem ella nos seus symptomas secundarios os tumores furunculosos, o mórmo, a exostose, muita similhança com o cancro em seu primeiro periodo e tambem no segundo? A syphilis constitucional não produz tantas e tão variadas enfermidades, não produz essas terriveis ulceras, que, quando envelhecidas, zombam da terapeutica e de todos os meios cirurgicos, ulceras que tem as bordas elevadas, fongosidades, escavações banhadas por um ichor saniozo, corrosivo, e acompanhadas ainda da sombra do cancro, as dôres insupportaveis? As ulceras simples influenciadas pelo virus syphilitico, não se tornam difficilimas de curar, não podem mesmo tomar um caracter cancroso? A côr dos individuos, acommettidos deste terrivel virus, não poderá ser a mesma, ou quasi a mesma dos cancrosos, modificada pelo maior ou menor adiantamento da molestia? Essa diathese não será a consequencia de alterações produzidas no organismo pela syphilis, que se tornou constitucional? Mas (dir-me-hão): a syphilis é contagiosa, e o cancro não: ella differe delle ainda por seus caracteres: ella cede aos tratamentos anti-syphiliticos. A isto respondemos que a syphilis tornada constitucional não é contagiosa; e é então que se pode dar o cancro como symptomatico della, que modificando-se a ponto de produzir molestias tão differentes, pode ser elle uma destas alterações consecutivas; pois que tambem nem sempre os anti-syphiliticos terão deixado de aproveitar no cancro, como nem sempre nas molestias venereas triumphou o emprego delles. E a cicatriz côr de cobre? Sendo as ulceras cancroides curadas pelo cauterio e pelo ferro, a cicatriz varía e toma a côr e a forma dependentes dos meios empregados!

Pois bem! (tornar-me-hão) vêde a filha de paes que nunca apresentaram symptomas venereos, a virgem tenra de quatorze annos, que toca apenas a puberdade, atravez da qual avista um céo de amorosas venturas, que vê seus orgãos formosos desenvolverem-se e arredondarem-se, que, como o botãozinho da rosa que não desabrochou ainda, vê seus seios proeminarem, levantando medrosos as rendas do vestidinho branco, levada de vaidosa magia

contempla todos os dias essas botelhas electricas que a natureza carrega; até que um dia nota um tumorzinho que antes não vira, que deixa crescer, e que emfim as mais pungentes dôres a obrigam a perguntar o que é, e o Medico consultado diagnostica — um cancro! E esta innocente menina que acaba de ver putridos os fructos, que acariciou tão bellos, pode ser comparada á mercenaria que tambem do mesmo modo perde os seios, deposito immundo da filha hedionda do deboxe? Esta menina tinha syphilis?

Sim; podia ella encubada não haver-se ostentado por seus symptomas; podia ter vindo hereditaria de geração em geração, e achando agora o organismo desta infeliz em condições favoraveis para seu desenvolvimento, com uma diathese conveniente, desenvolveu-se, e manifestou-se por esta alteração medonha!

C'est que depuis Adam les eléments pourris
Se sont joints au limon dont nous fumes petris.

É verdade que no estado actual a ulcera cancroide (cancro ulcerado) será distincta da ulcera syphilitica; pois que não é evidente que a syphilis possa por si só, fazer desenvolver-se, e apparecer o cancro; mas o cancro não tem uma causa sabida, e qual é das causas conhecidas de molestias, que possa tanto como o virus venereo produzir alterações tão profundas, tão variadas, e tão fataes?

Não somos nós de certo que affirmaremos, que o cancro seja uma molestia symptomatica da syphilis; intelligencia, saber, e tempo são para isso indispensaveis, e nós, sem precisar da modestia, já confessamos, que estamos fóra destas condições; mas nossa relativa razão (seduzida talvez) é que nos está dizendo, que bem estudada a questão, pode ser que os sabios concluam affirmativamente, que o mal venereo carregue com esta responsabilidade de mais, e o cancro seja um rasto ainda do pé longevo do judeu errante pathologico, talvez então os cancrosos em coro com os syphilicos repetirão os sublimes versos do poeta portuguez:

Prazeres socios meus e meus tyranos
Esta alma que sedenta em si não coube
No abysmo vos sumiu dos desenganos!

E a sciencia medica instruida da causa do mal horrendo poderá dizer:

Haud ignara malis miseris succurrere disco.

TERCEIRO PONTO.

OURINAS LEITOSAS

SUAS CAUSAS, SUA CONFRONTAÇÃO COM A NEPHRITE ALBUMINOSA.

Inter renes et cutem antagonismus.

I.

ÃO está demonstrada (segundo Rayer, Becquerel, Valleix, Fabre, e Bouchardat) a presença de leite na ourina; o que se tem chamado até agora ourinas leitosas, não é senão a ourina albuminosa, a chylosa, a mucosa, a purulenta, ou uma mistura dellas.

II.

A presença de caseina (que não foi bem demonstrada) e de materia gordurosa, não basta para provar a existencia de leite na ourina; pois que (segundo Bouchardat) aquella, quando é privada dos principios que a acompanham, confunde-se com a albumina, e esta existe nas ourinas albuminosas.

III.

Além da cazeina e do creme, é preciso que se mostrem na ourina os globulos leitosos, a butyrina, e a lactina, o que ainda ninguem vio, a não serem artificialmente ajuntadas.

IV.

As causas das denominadas ourinas leitosas são as molestias dos apparelhos digestivo, circulatorio, respiratorio, e secretorio ourinario, e as numerosas causas da molestia de Brigt.

V.

As ourinas leitosas são muitas vezes um symptoma desta ultima molestia, cujo principal caracter é a presença de albumina na ourina.

VI.

A molestia de Brigt não apresentando todos os symptomas de uma inflammação nem no estado de agudez, nem no estado chronico, não deve conservar o nome de nephrite.

VII.

Não se pode dizer que o sexo, a idade, a profissão de um individuo, e o clima que elle habita, sejam com especialidade causas desta molestia; em todas as idades, sexos, profissões e climas, tem ella sido observada; entretanto não se lhe negará com razão alguma influencia.

VIII.

Entre outras muitas causas, as mudanças rapidas de temperatura, a syphilis, o cancro, as lesões de circulação, e respiração, e uma especie de diathese influem muito para o desenvolvimento da molestia de Brigt.

IX.

Esta molestia será, como querem Graves e Valentim, uma modificação do sangue, ou como querem Becquerel, e outros, um hypertrophia das glandulas de Malpigi? Ainda que não podemos refutar inteiramente a primeira opinião, achamos mais simples e razoavel a segunda.

X.

Sem admittirmos a classificação distincta das seis formas, que Rayer dá a esta molestia, cremos na gradação que estabelece Becquerel; ainda que sejam muito exactas todas as alterações que o primeiro notou nos rins.

XI.

O tratamento das ourinas leitosas varía segundo a molestia de que é expressão, como varia o seu prognostico; mas sendo symptomaticas da molestia de Brigt, é o seu tratamento ainda incerto, e o prognostico na maior parte das vezes fatal.

XII.

O empirismo pode alguma vez ter acertado no curativo destas alterações, mas o Medico não se deve contentar com elle; e attendendo aos orgãos, ás funcções lezadas, e ás causas que mais influem, empregará meios racionaes.

HIPPOCRATIS APHORISMI.

I.

Cibi, potus, venus, omnia moderata sint. (Sec. 2, aph. 6).

II.

Cùm morbus in vigore fuerit, tunc vel tenuissimo victu uti necesse est. (Sect. 1, aph. 10).

III.

Somnus, vigilia, utraque modum excedentia, malum. (Sect. 2, aph. 2).

IV.

Mulierem in utero gerentem ab acuto aliquo morbo corripi, lethale. (Sect. 5, aph. 30).

V.

In morbis acutis extremarum partium frigus, malum. (Sect. 7, aph. 1).

VI.

Impura corpora quó magis nutriveris, éo magis lœdes. (Sect. 11, aph. 10).

TYP. DE FRANCISCO DE PAULA BRITO—1850.

Esta These está conforme os Estatutos. Rio de Janeiro, 8 de novembro de 1850.

Dr. *Francisco Julio Xavier.*